



ARTIGOS



O ESTATUTO DO LÉXICO SEGUNDO ABORDAGEM GERATIVA: AQUISIÇÃO DE L2

SIMONE LANCINI*


UniRitter International University, Programa de Pós-Graduação em Letras (PPG Letras).

Recebido em: 4 maio 2018. Aprovado em: 6 ago. 2018.

Como citar este artigo: LANCINI, S. O estatuto do léxico segundo abordagem gerativa: aquisição de L2. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 19, n. 1, p. 119-134, 2019. doi: 10.5935/cadernosletras.v19n1p119-134

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo apresentar uma discussão sobre o estatuto do léxico segundo abordagem gerativa de Chomsky (1965). Seguindo uma perspectiva de aplicação do léxico nos estudos de aprendizagem da segunda língua (L2), o artigo procura exibir, de forma sintética, como a investigação centrada no léxico tem evoluído e como cada uma das abordagens teóricas generativas pode ser aplicada nos estudos de aquisição de L2. Assim, objetiva-se neste estudo apresentar uma discussão sobre o estatuto léxico, considerando a aquisição de L2. Parte-se da hipótese de que o léxico tem um papel relevante na construção da gramática interna dos falantes. Nesse cenário, procuramos responder como o

* E-mail: moni.lancini@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-7450-3079>

léxico tem sido reconhecido na construção da gramática interna do falante de qualquer língua natural. Para isso, seguimos a abordagem teórica de Chomsky em (1965) que, a partir dos anos 1980, iniciou seus estudos do léxico, considerando-o como um componente cada vez mais abrangente de propriedades e funções da aquisição da L2, até a algum tempo atribuída em particular à sintaxe.

Palavras-chave

Léxico. Generativa. Aprendizagem da Segunda Língua (L2).

INTRODUÇÃO

O léxico é responsável por nomear e exprimir o universo de uma sociedade, fixado à própria história da língua e da comunidade linguística, bem como à cultura, à tradição e aos costumes de um povo e, por esse motivo, está em constante processo de (re)criação, caracterizando-se como um sistema dinâmico e em constante movimento (SILVA, 2014, p. 14).

A aquisição de vocabulário, tanto na língua materna quanto na segunda língua (L2), surge como uma atividade cumulativa e não como uma questão de tudo ou nada. Pode-se dizer que palavras desconhecidas são aquelas que não fazem parte de nenhum dos sistemas de representação, que não têm qualquer conexão com o léxico do sujeito. Já as palavras conhecidas são aquelas que têm conexões, porém o número dessas conexões pode variar. Assim, há certas palavras que têm poucas conexões. Logo, o sujeito tem delas um conhecimento restrito; outras têm muitas conexões, e, por isso, são bem conhecidas (MEARA, 1997, p. 9).¹ Portanto, aquilo que torna difícil a aquisição do vocabulário é o fato de demorar tempo e exigir esforço para estabelecer as conexões e, conseqüentemente, desenvolver um léxico bem organizado. Esse problema não pode ocorrer quando o léxico a ser aprendido contém apenas meia dúzia de palavras (MEARA, 1996, p. 34).²

1 “Let us suggest [...] that ann aquisition event consists of the building of a connection between a newly encountered word, and a word that already exists in the learner’s lexicon. This connection might be a link between the new L2 word and its L1 translation equivalent, or it might be a link between the new L2 word and an already known L2 word” (MEARA, p. 118-119).

2 Veja, por exemplo, Yang (1997): aprendizagem de uma gramática rudimentar – “keki” – e de um léxico de 67 palavras. Ou Gerganov e Rangelova (1993). Trabalhos como esses são feitos porque “It is much easier to think of the lexicon as an unstructured list of words, rather than as a complex, interlocking structure” (Meara 1996, p. 38).

Diante disso, torna-se necessário refletir sobre o que se entende por vocabulário e por léxico, pois, em alguns momentos, ambos são utilizados de forma aleatória como se fossem sinônimos.

Hatch e Brown (1995) iniciaram a obra *Vocabulary, semantics, and language teaching* relatando que é lamentável que como em outras áreas de estudo, tais como a fonologia, a sintaxe ou a análise do discurso, não haja um termo que abranja especificamente a semântica, o léxico e o vocabulário, e que cada um possui sua definição:

O termo semântica refere-se ao estudo do significado e às formas sistemáticas em que esses significados são expressos em linguagem. “O termo léxico refere-se ao sistema geral de formas de palavras e, quando incluímos a morfologia, o estudo da formação de palavras na linguagem. O termo também é usado para se referir à forma como as formas podem ser sistematicamente representadas no cérebro, isto é, o léxico mental. O termo vocabulário refere-se a uma lista ou conjunto de palavras para um determinado idioma ou uma lista ou conjunto de palavras que falantes individuais de um idioma podem usar (HATCH; BROWN, 1995, p. 1 – tradução nossa).^{3,4}

Dessa forma, podemos afirmar que o léxico “não é outra palavra para o vocabulário – é um conceito muito mais rico e que não tem sido explorado” (LEWIS, 1996, p. 193).

Segundo Leiria (2001, p. 293), na área da aprendizagem de uma segunda língua (L2), há uma tendência para ver o léxico como uma lista não estruturada a que se vão juntando mais palavras que vão sendo aprendidas. Porém, à medida que os estudos das teorias linguísticas avançam, o léxico tem sido considerado como relevante na construção da gramática interna dos falantes.

Partindo dessa perspectiva, o léxico e a gramática não são componentes isolados; eles formam um contínuo, ao longo do qual se organizam unidades da língua (construções, dotadas de forma e significado simultaneamente). De fato, algumas construções são consideradas mais gramaticais, por serem mais esquemáticas.

3 No *Dicionário de termos linguísticos* (XAVIER; MATEUS, 1990-1992), pode ler-se: “Em gramática generativa o termo [léxico] designa a componente da gramática que contém a especificação abstrata morfofonológica de cada item lexical e os seus traços sintáticos, incluindo os traços”.

4 “The term semantics refers to the study of meaning and the systematic ways those meanings are expressed in language. “The term lexicon refers to the overall system of words forms and when we include morphology, the study of word formation in language. The term is also used to refer to the way forms might be systematically represented in the brain, that is, the mental lexicon. The term vocabulary refers to a list or set of words for a particular language or a list or set of words that individual speakers of a language might use” (HATCH; BROWN, 1995, p. 1).

De acordo com Paul Meara (1996), há poucas tentativas de avaliar o desenvolvimento da estrutura do léxico de L2, e como a dimensão do léxico afeta a maneira como novas palavras são aprendidas. O autor afirma que há muito poucos estudos que comparem falantes de diferentes línguas maternas, ou primeira língua (L1), a aprenderem a mesma L2, assim como de falantes da mesma L1 a aprenderem diferentes L2.

O léxico foi, durante muito tempo, encarado como uma entidade vasta e imprecisa, estruturado segundo leis mal conhecidas e diferentes segundo o ponto de vista. Ideias como essas podem ser vistas em afirmações como:

O léxico é realmente um apêndice da gramática, uma lista de irregularidades básicas (BLOOMFIELD, 1993 – tradução nossa).⁵

As variações regulares não são importantes para o léxico, que deve conter apenas itens idiossincráticos (CHOMSKY; HALLE, 1968, p. 12 – tradução nossa).⁶

Os itens lexicais de um idioma podem ser apresentados como uma mera lista (KEMPSON, 1977 – tradução minha).⁷

Se concebido como o conjunto de listemes, o léxico é incrivelmente chato por sua natureza. Ele contém objetos dos únicos tipos especificáveis (palavras, VPs, morfemas, talvez padrões intonacionais etc.), e aqueles objetos que ele contém estão lá porque eles não concordam com leis interessantes. O léxico é como uma prisão – contém apenas o sem lei, e a única coisa que seus presos têm em comum é a ilegalidade (SCIULLO; WILLIAMS, 1987, p. 3 – tradução nossa).⁸

Essa posição em relação ao léxico tem mudado em todas as disciplinas que por ele se interessam. Isso pode ser comprovado por afirmações como a de Juff, ao afirmar que “O léxico pode ser uma prisão para a lei, mas mesmo as prisões têm regras” (Juffs, 1996, p. 79 – tradução nossa).⁹

O estatuto do léxico e o interesse pelo seu estudo começaram a mudar em meados dos anos 1990, na Linguística, mas também na Psicolinguística e em

5 The lexicon is really an appendix of the grammar, a list of basic irregularities (BLOOMFIELD, 1993).

6 Regular variations are not matters for the lexicon which should contain only idiosyncratic items (CHOMSKY; HALLE, 1968, p. 12).

7 The lexical items of a language can indeed be presented as a mere list (KEMPSON, 1977).

8 If conceived of as the set of listemes, the lexicon is incredibly boring by its nature. It contains objects of the single specifiable types (Words, VPs, morphemes, perhaps intonational patterns, and so on), and those objects that it does contain are there because they fail to conform to interesting laws. The lexicon is like a prison – it contains only the lawless, and the only thing that its inmates have in common is lawlessness (SCIULLO; WILLIAMS, 1987, p. 3).

9 The lexicon may be a jail for the lawless, but even jails have rules (JUFF, 1996, p. 79).

outras áreas da Linguística Aplicada, nomeadamente na Lexicologia. À medida que os estudos avançam, o léxico tem sido reconhecido pelo seu papel central na construção da gramática interna do falante de qualquer língua natural. Isso se deve, sobretudo, a partir dos estudos de Chomsky em 1965, que passou a considerar o léxico como um componente cada vez mais abrangente de propriedades e funções, até a algum tempo atribuída em particular à sintaxe. Autores como Cook (1940), começaram a refletir sobre os parâmetros lexicais. Observa-se tais reflexões por meio de afirmações como:

Recentes desenvolvimentos dos princípios e parâmetros de gramática tendem a afastar os parâmetros da sintaxe para o léxico. A sucinta posição de 1989 de Chomsky foi que “há apenas um idioma humano para além do léxico, e a aquisição da linguagem é, em essência, uma questão de determinação de idiosincrasias lexicais” (CHOMSKY, 1989).

[...] *Talvez os parâmetros pertençam apenas ao léxico (COOK, 1940, p. 498-499).¹⁰*

Nos últimos anos, grande parte das teorias linguísticas tem atribuído ao léxico uma posição central. Logo, o léxico deixou de ser um apêndice da gramática, como alguns estudiosos afirmavam, e passou a ser um dos componentes preferenciais da descrição linguística. A partir dessa mudança de posicionamento, houve também mudanças quanto à definição do âmbito do léxico e da sua relação com a sintaxe, a semântica, a morfologia e até com a pragmática. Assim, diferentes abordagens teóricas em relação ao léxico começaram a surgir, como a linguística gerativa.

A ABORDAGEM GERATIVA

Foi Chomsky quem, em 1965, postulou a aquisição da linguagem como foco central no debate linguístico. A Gramática Gerativa tem proporcionado pesquisas interdisciplinares com outras ciências, como a Psicologia Cognitiva,

¹⁰ [Re]cent developments in principles and parameters grammar have tended to push the parameters away from the syntax towards the lexicon. Chomsky's succinct 1989 position was that “there is only one human language apart from the lexicon, and language acquisition is in essence a matter of determining lexical idiosyncrasies” (CHOMSKY, 1989). [...] Perhaps parameters only belong to the lexicon (COOK, 1940, p. 9).

a Inteligência Artificial, a Psicolinguística, a Neurolinguística, sobre os mecanismos da aquisição, do funcionamento e do uso do conhecimento humano (BRITO, 1998, p. 49).

A sintaxe sempre ocupou um lugar de destaque na teoria da Gramática Gerativa, porém, no modelo de gramática, há alguns mecanismos que se apoiam na análise de traços semânticos, desenvolvida no âmbito da *Teoria Standard*, sobretudo por Katz (KATZ; FODOR, 1963, KATZ, 1972). As análises buscam estabelecer uma teoria semântica integrada nas teorias da sintaxe e da fonologia. Elas consideram que o significado de cada palavra resulta de um conjunto de traços e que esse conjunto é diferente para cada palavra; e que a gramaticalidade ou não de uma frase decorre de o item lexical em causa respeitar ou não os traços de subcategorização.¹¹

A análise componencial, cuja origem vem de Trubetskoy e da Escola Linguística de Praga, assume que certos traços semânticos têm consequências na gramática e outros não. Os marcadores semânticos são os traços que têm consequências na gramática de certas línguas. Porém, há marcadores semânticos que não têm consequências em termos de gramática, chamados de “*distinguishers*”, por exemplo, “líquido-sólido”, “rígido-flexível” (HATCH; BROWN, 1995, p. 6).

Estudiosos da aquisição da linguagem, como West (1953), têm constatado que a análise de traços semânticos é útil para a compreensão da aquisição de sinônimos e antônimos. Pesquisadores da linguística têm observado que falantes nativos selecionam sinônimos distintos para uma circunstância particular, o que mostra que há pelo menos um traço que distingue os dois termos.

Há, no entanto, um aspecto mais controverso dessa teoria; é que alguns componencialistas defendem que as componentes semânticas básicas são universais (SINGLETON, 1999, p. 34). Mas há outros que levaram a discussão ao seu abandono pelos seguintes motivos: a) a dificuldade em estabelecer o que tem ou não consequências em nível da gramática; b) o que é realmente necessário indicar na descrição, sem cair em redundância; c) como encontrar termos suficientemente abstratos para nomear os traços; d) como interpretar os sentidos

¹¹ “*The correctness of this model [CHOMSKY, 1965] is argued by Katz 1981 – even though Chomsky and other syntacticians have abandoned it, because of it perceived inadequacies, for a syntax which Katz’s semantic theory cannot use.*” (“A correção deste modelo [CHOMSKY, 1965] é argumentada por Katz 1981 – embora Chomsky e outros sintatistas tenham abandonado, por causa de deficiências percebidas, por uma sintaxe que a teoria semântica de Katz não pode usar” – tradução minha)).

metafóricos; e em particular, e) como enfrentar a questão de muitos traços serem escalar e não dicotomias (HATCH; BROWN, 1995, p. 28-29).

A metodologia de análise estendeu-se à descrição de campos semânticos. A análise de campos semânticos utiliza os traços semânticos para pôr em evidência a relação entre diferentes itens lexicais dentro de um mesmo campo semântico. Essa análise é útil sob o ponto de vista da L2, na medida em que a partir de uma lista é possível que o aprendiz compare, intra e interlinguisticamente, analise e selecione um ou outro termo dentro do campo (SLOBIN, 1985, p. 1160).

Em resposta a Chomsky (1965), Gruber (1965) e Fillmore (1968) propõem que a entrada lexical deve contemplar traços sintáticos e relações semânticas ou temáticas como: agente, instrumento, objetivo e tema. Na mesma linha desses autores, Jackendoff (1972) e Lakoff (1971), abandonam a teoria componencial, e defendem que a semântica tem um papel central, tentando integrá-la na teoria sintática. De acordo com Jackendoff (1972), a entrada lexical deve conter traços sintáticos e relações temáticas, e propõe que a projeção da sintaxe não viole a *Hierarquia Temática*: agente; locativo/origem/objetivo; tema (BRITO, 1998, p. 384-385).

Lakoff (1971), por outro lado, afirma que a estrutura lexical e a estrutura sintática possuem subjacentes estruturas de *primitivos semânticos* universais (BRITO, 1998, p. 382-383). Sua investigação não segue a análise componencial, mas, assim como Jackendoff, sugere que a categorização é essencialmente uma questão de experiência e de imaginação humanas. Segundo o autor, mudar o nosso conceito de uma categoria, não significa exclusivamente uma mudança na nossa mente, mas também na nossa visão de mundo (LAKOFF, 1987, p. 8). Em 1983, Jackendoff afirma que o desenvolvimento lexical não pode ser descrito como a aprendizagem de um conjunto de regras especificamente. Segundo Jackendoff, há um nível de representação linguístico, distinto da estrutura sintática, constituído por um inventário de primitivos semânticos, tais como: evento, estado, coisas, propriedades, lugares, quantidades e por regras de formação semântica.

De acordo com estudos de Lakoff (1987) e de Jackendoff (1983) sobre a percepção visual, aquilo que percebemos com os nossos olhos é o resultado da interação entre *input* fornecido pelo meio que envolve, e um conjunto de princípios mentais ativos que estruturam esse *input*. Ou seja, a expressão linguística resulta de entidades mentais que são projetadas no nosso conhecimento, e

não da projeção direta dos objetos do mundo real. A informação lexical pode ser vista como estruturada pela interação de três condições: *necessidade, centralidade e tipicidade*. Logo, a informação em entrada lexical está organizada em função desses princípios que interagem entre si, com diferente importância, conforme a palavra.

O reconhecimento da representação lexical sucedeu-se a partir de semanticistas que trabalharam no quadro gerativista, o que resultou no debate sobre como os aspectos semânticos do léxico determinam a forma sintática. Assim, foi a partir da obra *Remarks on nominalization* (1970) que Chomsky agregou mais valor à informação lexical e em *Lectures on government and binding* (1981)¹² que a concepção de papel temático foi integrada na teoria e, assim, a articulação entre o Léxico e a Sintaxe foi assegurada pelo *Princípio de Projeção*.

De acordo com a teoria, o falante não sabe apenas como se diz uma palavra e o seu significado, mas também o seu comportamento sintático, tendo a sintaxe de respeitar as características de cada item lexical. O *Princípio de Projeção*, assim como os outros princípios que o modelo da gramática prevê, são a estrutura básica da faculdade da linguagem. A Gramática Universal (GU) consiste em um sistema de princípios comuns a todas as gramáticas e de parâmetros com valores diferentes, de acordo com as línguas. Segundo afirmação de Chomsky:

Se esta abordagem é correta [...] um idioma não é, então, um sistema de regras, mas um conjunto de especificações para parâmetros em um sistema invariante de diretores de gramática universal (UG); e as construções gramaticais tradicionais são talvez mais bem consideradas como epifenômenos taxonômicos, coleções de estruturas com propriedades resultantes da interação de princípios fixos com parâmetros definidos de uma maneira ou de outra. Existe um sentido derivado em que um idioma é um "sistema de regras" de um tipo; ou seja, as regras de L são os princípios de UG parametrizados para L (CHOMSKY, 1989, p. 43 – tradução nossa).¹³

12 Como é de conhecimento, Chomsky dirá mais tarde que “‘Government-Binding (GB) Theory’ [is] a misleading term that should be abandoned” (cf. CHOMSKY, 1989, p. 70, n. 1) e propõe a designação: Gramática de Princípios e de Parâmetros.

13 “If this approach is correct [...] a language is not, then, a system of rules, but a set of specifications for parameters in an invariant system of principals of universal grammar (UG); and traditional grammatical constructions are perhaps best regarded as taxonomic epiphenomena, collections of structures with properties resulting from the interaction of fixed principles with parameters set on one or another way. There remains a derivative sense in which a language is a ‘rule system’ of a kind; namely, the rules of L are the principles of UG parametrized for L” (Chomsky, 1989, p. 43).

A aquisição de uma língua ocorre à medida que o sujeito fixa valores para esses parâmetros, e também adquire entradas lexicais e suas propriedades, a partir dos dados disponíveis, ou seja, a aquisição depende de uma construção lexical mental. A partir dessas concepções, no início dos anos 1980, iniciou-se um diálogo mais aprofundado sobre a teoria da gramática e a aquisição de L1 e de L2, não apenas no âmbito da Gramática Gerativa, mas também, com a Psicolinguística e a Neurolinguística. A partir dos diálogos formados, surgiram diversas teorias que fazem diferentes propostas quanto às fronteiras e à articulação entre o léxico e a sintaxe. Todas as teorias (Teorias de Regência e Ligação, Programa Minimalista, Gramática Lexical Funcional, GPSP) partem do abandono da ideia de autonomia absoluta da sintaxe, passando a considerar, pelo menos em parte, que a estrutura da frase depende da semântica dos predicadores (BRITO, 1999, p. 49). Conforme Brito constatou:

Uma das propostas atualmente mais fortes é a de que as entradas lexicais deverão conter dois tipos de informações: a “representação lexical sintática”, “estrutura de predicado-argumentos” ou “estrutura argumenta” e a “estrutura lexical conceptual ou semântica” (BRITO, 1999, p. 33).

A partir de posições como essas surgiram teorias da Semântica Lexical, que consideram o significado dos verbos (pois é do verbo que essas teorias se ocupam como “uma estrutura multidimensional” (BRITO, 1998, p. 417). Outras teorias, como as de Grimshaw (1990), Pustejovsky (1991), Tenny (1994) e Erteschik-Shir e Rappoport (1995), afirmam que a dimensão aspectual dos itens lexicais e a sua articulação com a estrutura argumental deve ser considerada.

A partir das contribuições entre linguistas teóricos e os investigadores em Inteligência Artificial, é possível a testagem de suas teorias de modo a tornarem-as operacionais. Nesse sentido, ela é também responsável pelos recentes desenvolvimentos que têm aproximado a Sintaxe do Léxico ao quadro gerativo.¹⁴ Observa-se pelo Programa Minimalista de Chomsky (1995) que as gramáticas das línguas são consideradas como um sistema computacional que articula o

¹⁴ “Many, if not most, theories used in computational linguistics today assume some degree of functionality in language, with corresponding structures at the syntactic and semantic levels. This assumption is so pervasive that it can be difficult to separate the syntactic and semantic descriptions” (WATERMAN, 1996, p. 147). [Muitas, se não a maioria, teorias utilizadas na linguística computacional hoje assumem algum grau de funcionalidade na linguagem, com estruturas correspondentes como os níveis sintático e semântico. Essa suposição é tão penetrante que pode ser difícil separar as descrições sintáticas e semânticas” (WATERMAN, 1996, p. 147 – tradução nossa)].

léxico e os níveis de interface (articulatória-perceptual e a conceptual-intencional), propondo, assim, que esses dois níveis de interface sejam concebidos como “instruções” para os sistemas de “*performance*”, os sistemas de uso a língua (BRITO, 1999, p. 41). Segundo Brito (1998), uma entrada lexical é constituída de informação fonológica e semântica, e os traços de seleção categorial são constituídos das propriedades semânticas, chamadas de papéis temáticos.

Embora não haja um consenso comum quanto ao modo como o significado lexical pode determinar a forma sintática, é possível encontrar modelos que se referem à ideia de que o significado lexical determina (parcialmente) a sintaxe. Assim como Juffs (1996) afirma:

Em todas as teorias generativas (abordagem Princípios e Parâmetros, Gramática Funcional Lexical e Gramática da Estrutura de Frases Generalizadas), o léxico é de importância central, já que todos assumem que a estrutura da cláusula é amplamente previsível a partir da semântica dos predicados (JUFFS, 1996, p. 5 – tradução nossa).¹⁵

Chomsky e suas propostas proporcionaram debates e abordagens que regem por princípios teóricos metodológicos distintos de outras, como a abordagem funcional, por exemplo.

A AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA

Os estudos sobre aquisição de segunda língua começaram nos anos 1940 a partir da proposta contra a visão da Análise Contrastiva, por Corder (1974). Porém, esses estudos ganharam um impulso a partir dos anos 1980 com Chomsky (1981). Com o modelo chamado Teoria dos Princípios e Parâmetros, Chomsky (1981, 1982, 1986) passou a fornecer subsídios teóricos para uma melhor compreensão sobre a aquisição da segunda língua.

Diversos trabalhos realizados sobre a aquisição da segunda língua assumem a acessibilidade de Gramática Universal (GU) e como os parâmetros são fixados (WHITE, 1985; FLYNN, 1987; VAINIKKA; YOUNG-SCHOLTEN,

¹⁵ In all mainstream generative theories (the Principles and Parameters approach, Lexical Functional Grammar, and Generalized Phrase Structure Grammar) the lexicon is of central importance, since they all assume that clause structure is largely predictable from the semantics of predicates (JUFFS, 1996, p. 5).

1996, entre outros), no entanto, há outros trabalhos como os de Kato (2005), que defendem a Hipótese do Acesso Nulo, e argumentam que a GU não é acessível ao aprendiz de L2 após o período crítico para a aquisição da língua. De acordo com esses teóricos, o aprendiz só teria acesso à GU que está aparente em sua língua nativa, mas não teria acesso aos princípios universais (SCHACHTER, 1988, BLEY-VRROMAN, 1989; CLAHSEN; MUYSKEN, 1986).

Segundo a autora, a hipótese do não acesso à GU defende que, enquanto o aprendiz de L1 parte da GU e atinge a Língua-I por seleção dos valores dos Parâmetros, o aprendiz de uma L2 (com exceção do bilíngue simultâneo ou quase simultâneo) não tem acesso à GU, nem direto, nem indireto, assim a aprendizagem se dá através de um mecanismo multifuncional.

No que se refere à Teoria dos Princípios e Parâmetros adotada por Chomsky (1981, 1982, 1986), há três hipóteses a serem consideradas: a primeira diz que no início da aquisição os parâmetros não estão completamente presentes e que somente com o aprofundamento da linguagem é que eles aparecem, os mesmos foram organizados geneticamente, devendo ocorrer de acordo com o amadurecimento do sujeito. Os fatores responsáveis pela transcrição da gramática universal e da gramática da língua nativa ocorrem aos poucos. A segunda hipótese está dividida em dois aspectos: o da competência plena/total, e o entendimento que se tem é que os princípios estão presentes desde o início do processo, caso eles não ocorram, é devido à memória.

Quanto à aprendizagem lexical, foco deste trabalho, os princípios estão completamente presentes, a evolução sintática só depende da interiorização morfológica e lexical novas, o que necessita da interação com o meio. De acordo com Chomsky, as fontes de suporte são escassas pela existência da gramática universal enquanto conceitos inatos, biologicamente determinados, que constituem a mente humana. Outro ponto de vista é a dissociação dos dispositivos de aquisição da linguagem das demais instâncias cognitivas comportamentais. A aquisição da língua se dá por meio da GU, e a definição dos parâmetros não são obrigatoriamente atrelados aos sistemas cognitivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que houve uma progressiva afirmação da semântica em relação à sintaxe em várias abordagens linguísticas. Além disso, podemos ana-

lisar que o léxico tem se destacado como relevante na construção da gramática interna dos falantes. Diante desse cenário teórico apresentado, podemos dizer que os primeiros modelos gerativistas passaram por posições de um relativo equilíbrio, até chegarmos à dependência da sintaxe em Gramáticas Cognitivas. O léxico é compreendido como o repertório das propriedades sintáticas, capaz de desenvolver mecanismos de articulação entre a informação que está nele contida e a realização sintática. Assim, essa progressiva afirma-se em uma centralidade e abrangência patentes, quer dentro de cada uma das abordagens, tanto na abordagem generativa, quer em estudos linguísticos em geral.

Entende-se, também, que as abordagens cognitivas são recentes e resultam de uma ruptura dentro da generativa e de uma releitura de muitas propostas funcionais, tendo como objeto principal de estudo a semântica e uma integração dos planos sintagmático e paradigmático.

Percebe-se que certas abordagens oferecem mais apoio para o estudo de certos aspectos da aquisição do léxico e outras para outras aquisições. Esses aspectos dependem da atenção dada à descrição dos fenômenos linguísticos destinada a cada uma delas. Portanto, o que se pode afirmar é que a teoria generativa parece fornecer melhor resposta a questões relacionadas a aspectos mais formais, sistemáticos, ligados mais à competência, ao conhecimento procedimental, como a fonologia e os aspectos sintáticos do léxico. É possível dizer, também, que alguns aspectos da teoria foram abandonados, como é o caso dos traços semânticos. Já outros são mantidos até os modelos mais recentes, como os papéis temáticos.

The status of the lexicon according to the generative approach: L2 acquisition

Abstract

The present study aims to present a discussion about the status of the lexicon according to Chomsky's generative approach (1965). Following a perspective of lexical application in second language learning studies (L2), the article attempts to show, in a synthetic way, how lexical-centered research has evolved, and how each of the generative theoretical approaches can be applied in studies of L2 acquisition. Thus, the objective of this article is to present a discussion about the lexical status, considering the acquisition of L2. It starts from the hypothesis that the lexicon plays a relevant role in the construction of the internal grammar

of the speakers. In this scenario, we try to answer how the lexicon has been recognized in the construction of the internal grammar of the speaker of any natural language. For this, we follow Chomsky's (1965) theoretical approach, which from the 1980s began his lexical studies, considering it as an increasingly comprehensive component of L2 acquisition properties and functions, up to sometime attributed in particular to syntax.

Keywords

Lexicon. Generative. Second Language Learning (L2).

REFERÊNCIAS

BEZERRA, M. R. C. I. Aquisição de segunda língua de uma perspectiva linguística a uma perspectiva social. *Revista Solettras*, São Gonçalo: UERJ, ano III, n. 5/6, 2003.

BLEY-VROMAN, R. What is the logical problem of foreign language learning? In: GASS, S.; SCHACHTER, J. (Ed.). *Linguistic perspectives on second language acquisition*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1989. p. 41-68.

BLOOMFIELD, L. *Language*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston, 1993.

BRITO, A. M. A relação semântica lexical – sintaxe na gramática gerativa: um breve balanço a propósito da natureza aspectual e da estrutura argumental de alguns tipos de verbos. *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, Porto, v. XV, p. 377-420, 1998.

BRITO, A. M. *Os estudos de sintaxe gerativa em Portugal nos últimos trinta anos*. Braga: APL, 1999.

COOK, V. *Chomsky's Universal Grammar: An Introduction*. Oxford: Oxford Blackwell, 1940.

CORDER, S. P. The significance of learners' errors. RICHARDS, J. C. (ed.). *Error analysis perspectives on second language acquisition*. Nova York: Longman, 1974. p. 19-27.

CHISHMAN, O. L. R. *A teoria do léxico gerativo: uma abordagem crítica*. 2000. Doutorado (Linguística Aplicada) – Curso de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

CHOMSKY, M. *Syntactic structures*. Haia: Mouton. 1957.

CHOMSKY, M. Review of *Verbal Behavior*, by B. F. Skinner. *Language*, v. 35, n. 1, p. 26-57, 1959.

- CHOMSKY, M. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, M. Remarks on nominalizations. JACOBS, R. A.; ROSENBAUM, P. (org.). *Readings in English transformational grammar*. Waltham: Ginn & Company, 1970. p. 184-221.
- CHOMSKY, M. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, M. *Barriers*. Cambridge, MA: MIT Press, 1986.
- CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The sound pattern of English*. Nova York: Harper & Row, 1988.
- CLASHEN H.; MUYSKEN, P. The availability of the universal grammar to adult and child learners: The study of acquisition of German word order. *Second Language Research*, v. 2, p. 93-113, 1986.
- ERTESCHIK-SHIR, N.; RAPOPORT, T. *The syntax of aspect: Deriving thematic and aspectual interpretation*. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- FILLMORE, C. J. *The case for case*. In: BACH, E.; HARMS, R. T. (Ed.). *Universals in linguistic theory*. Nova York: Holt, Rinehart, and Winston, 1968.
- FLYNN, S.; O'NEIL, W. *Linguistic theory in second language acquisition*. Dordrecht: Kluwer Academic, 1988.
- GATTOLIN, B. R. S. *O vocabulário na sala de aula de língua estrangeira: contribuições para elaboração de uma teoria de ensino-aprendizagem*. 2005. Doutorado (Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- GEERAERTS, D. *Theories of lexical semantics*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- GRIMSHAW, J. *Argument structure*. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.
- GRUBER, J. *Lexical structures in syntax and semantics*. 1965. Dissertation (Doctoral) – (Published version of MIT). Amsterdã: North Holland Doctoral, 1965.
- HATCH, E.; BROWN, C. *Vocabulary, semantics and language education*. Cambridge: CUP, 1995.
- JOHNSON, W. Palavras e não palavras. In: STEINBERG, C. S. *Meios de comunicação de massa*. São Paulo: Cultrix, 1972. p. 47-66.
- JUFFS, A. *Learnability and lexicon*. Theories and second language acquisition research. Amsterdam: Benjamins, Comp, 1996.
- KATZ, J. *Semantic theory*. Nova York: Harper International Edition, 1972.
- KATZ, J.; FODOR, J. *The structure of a semantic theory*. In: FODOR, J.; KATZ, J. *The structure of language*. Readings in the philosophy of language. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall Inc., 1963. p. 479-451.

- KEMPSON, R. M. *Semantic theory*. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1997. (Cambridge Textbooks in Linguistics).
- LAKOFF, G. The role of deduction in grammar. *In*: FILMORE, C. J.; LANGENDOEN, D. T. (Eds.). *Studies in linguistic semantics*. Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1971.
- LEIRIA, I. Léxico, aquisição e ensino do português europeu língua não materna. 2001. Doutorado (Lingüística Aplicada) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2001.
- LEWIS, M. *The lexical approach: the state of ELT and a way forward*. Hove: Language Teaching Publications, 1996.
- MEARA, P. The dimensions of lexical competence. *In*: BROWN, G.; MALMKJAER, K.; WILLIAMS, J. (Ed.). *Performance and competence in second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 35-53.
- PINTO, I. I. *Uma proposta para recuperação da informação através de redes lexicais: uma estratégia léxico-quantitativa*. 2002. 152 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Rio de Janeiro, 2002.
- PUSTEJOVSKY, J. *The syntax of event structure*. *In*: LEVIN, B.; PINKER, S. (Ed.). *Lexical and conceptual semantics*. (Cognition, Special Issues, p. 47-82). Cambridge, MA: Blackwell, 1991.
- RAMÍREZ, T. A. The lexical approach: collocability, fluency and implications for teaching. *Revista de Lenguas para Fines Específicos*, Universidad de Palmas de Gran Canaria, Canaria, v. 18, p. 237-254, 2012.
- SCIULLO, A.; WILLIAMS, E. *On the definition of word*. Cambridge: MIT Press, 1987.
- SCHACHTER, J. Second language acquisition and its relationship to Universal Grammar. *Applied Linguistics*, v. 9, p. 219-235, 1988.
- SINGLETON, D. *Exploring the second language mental lexicon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. (Cambridge Applied Linguistics)
- SILVA, M. D. P. da. *O estudo do léxico no livro didático de língua portuguesa: repensando as práticas ao ensino*. 2014. Monografia (Curso de especialização em Língua Portuguesa: Princípios Organizacionais da Língua e Funcionamento Textual-Discursivo) – Universidade Estadual de Paraíba, Campina Grande, 2014.
- SOUZA, A. R. B.; PAIVA, R. F. *Aquisição da linguagem à luz do modelo gerativista*. Sobral: CE. 2017.
- SLOBIN, D. I. *The crosslinguistic study of language acquisition*. 1. ed. Hillsdale, Mahwah, NJ: Erlbaum, 1985. 5 v.

VILLALVA, A. *Estruturas morfológicas*. Unidades e hierarquias nas palavras do português. 1994. 423 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.

WHITE, L. The prodrop parameter in adult second language acquisition. *Language Learning*, v. 35, p. 47-62, 1985.

XAVIER, M. F.; MATEUS, M. H. (Org.). *Dicionário de termos linguísticos*. Lisboa: Cosmos, 1990-1992. v. I e II.

XAVIER R. G. Acesso à Gramática Universal (GU) por aprendizes de segunda língua (L2). *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 5, n. 2, 2007.

WEST, M. *A general service list of english words*. London: Longman, Green and Co, 1953.